



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17566 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
ISSN: 2595-7945
GT 12 - Currículo

UM DIÁLOGO PARA ECOAR OUTROS POSSÍVEIS NAS PESQUISAS DE CURRÍCULO
Luana Carneiro Bezerra - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Anna Clara Rodrigues Sondahl Bibiani - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Isabela Cristina Torres E Silva - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

UM DIÁLOGO PARA ECOAR OUTROS POSSÍVEIS NAS PESQUISAS DE CURRÍCULO

Este texto aborda algumas angústias e dúvidas comuns ao considerar a realização de pesquisas com os registros pós-críticos. Algumas questões trazidas surgiram durante uma aula, onde foi questionado o rigor e a concretude dessas abordagens. Muitos alunos acharam essas teorizações instáveis, sem sentido e relativas, interrogando sua "utilidade" para pesquisas em educação e currículo. Como tentativa de resposta propomos, com base na teoria do discurso de Laclau e Mouffe, tensionar as questões suscitadas pelos alunos, explorando como os pressupostos pós-estruturais influenciam na forma como fazemos nossas pesquisas. O que chamamos como possibilidade de ecoar outros possíveis, são as extensas conexões e aberturas no campo curricular educacional, que podem ser produzidas a partir dessas articulações que ensejam outros caminhos de compreensão do que tem sido significado como metodologia, evitando modelos rígidos e deterministas.

Tentando responder algumas questões suscitadas na referida aula, questionamos a leitura simplista e homogeneizante dessas teorizações, que interpreta a desconstrução do significado tradicional do método como ausência de rigor, significando a ausência de normas fixas como inviabilização “de propostas de intervenção política”, reduzindo-as à um excessivo relativismo (Lopes, 2015, p. 117).

Macedo e Ranniery (2018, p. 942), argumentam que com a chegada das chamadas teorias pós-críticas, posturas intelectuais outras alcançaram o campo educacional, produzindo uma variedade de “tons discursivos e de formas escriturais que autorizam vários lugares de

enunciação e de registros de experiências para pensar currículos”. Paraíso (2004), destaca que a abertura e expansão produzidas pela incorporação dessas teorizações, contribuiu expressivamente para as formas como fazemos nossas interrogações e significamos nossos objetos.

Lopes (2013), ao discutir sobre os diferentes “pós” nas teorizações pós-críticas, defende que esse sufixo não advoga sentido de superação ou avanço, mas deve ser significado como reconfiguração, como abandono dos axiomas essencialistas. Portanto, torna-se importante entender que os registros pós-críticos, possuem diferentes análises teóricas, que implicam em distintas estratégias de pesquisa em cada abordagem. E, essa desconstrução da leitura do horizonte moderno, possibilita um afastamento “do lugar-comum da busca de representação mais consistente, fazendo um esforço em elaborar metodologias outras para investigar, as quais passam por um mergulho no dia a dia, no vivido, no local, com foco no relacional, no currículo-relação” (Borges; Lopes, 2021, p. 117).

Dito isso, consideramos importante tensionar alguns pressupostos fundamentais do pensamento moderno, para provocar inquietações na forma como produzimos nossas pesquisas em currículo balizados por esses ideais. Laclau (2011, p. 132), argumenta que muitas vezes as tentativas de questionamento dessas reverberações, “têm dado lugar a uma tendência a substituí-las por sua pura ausência, por uma simples negação de seu conteúdo, uma negação que continua habitando o terreno intelectual delineado por aquelas características positivas”.

Essa racionalidade autocentrada, também produz verdades sobre o processo de produção de nossas pesquisas, como por exemplo, a neutralidade do pesquisador, que seria alguém isolado do contexto do estudo e a possibilidade de homogeneização de resultados. A ideia de que existe uma realidade a ser investigada e de que a ela se pode ter acesso por meio da observação e de conversas com informantes privilegiados segue naturalizada mesmo quando a possibilidade mesma de representação é questionada (Macedo; Ranniery, 2018).

Defendemos que dialogar com o pós-estruturalismo nas pesquisas, tem possibilitado remobilizar as concepções de currículo para além de uma simples seleção de conhecimento. E, assumir que não há um mundo homogêneo e transcendente, fundamentado em uma verdade, não reduz nossas pesquisas ao relativismo, pelo contrário, pois é no contexto da indecidibilidade que os movimentos acontecem (Lopes, 2013). Pensar a pesquisa, a educação e a escola como processos de enunciação e disputa de sentidos, são uma tentativa de realizar outros possíveis nas pesquisas em currículo.

Acreditamos que fazer pesquisa em currículo é arriscar-se constantemente, é experimentar no terreno do imprevisível, do incontrolável. Trata-se de ecoar a possibilidade “de teorizar sobre o imprevisto, o contingente, des-sedimentar certezas, reativar possibilidades desconsideradas” (Lopes, 2015, p. 120), acreditando que outras formas de pesquisar em currículo não só são possíveis, como desejáveis, pois é preciso explorar e

investir em outras formas de acolher, sem com isso domesticar, as proposições pós-estruturais para a metodologia de pesquisa em educação e em currículo (Macedo; Ranniery, 2018).

Portanto, expandir as possibilidades de pensamento no campo educacional, é pensar em processos diferentes de produção do conhecimento, que perpassam por outros modos de leitura do social, por outras formas de educar, aprender, ver e produzir pesquisas em currículo (Lopes; Macedo, 2011). Sabendo que desconstruir tal racionalidade, implica assumir esta mesma racionalidade como um conjunto de discursos articulados por meio de diferentes práticas hegemônicas, é um exercício constante em nossa trajetória intelectual

Palavras-chave: Currículo. Pós-estruturalismo. Teoria do Discurso.

REFERÊNCIAS

BORGES, Veronica.; LOPES, Alice. Por que o afeto é importante para a política? Implicações teórico-estratégicas. Revista **Práxis Educacional** v. 17, n.48, p. 114-135, OUT./DEZ. 2021.

Dossiê: E depois do pós-estruturalismo? Experimentações metodológicas na pesquisa em currículo e educação. Organizadores: MACEDO, Elizabeth; RANNIERY, Thiago. In: Revista **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, n. 13, n.3, Set./Dez., 2018.

LACLAU, Ernesto. **Emancipação e diferença**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

LOPES, Alice Casimiro & MACEDO, Elizabeth. Conhecimento. **Teorias de Currículo**. São Paulo: 2011.

LOPES, Alice Casimiro. Normatividade e intervenção política: em defesa de um investimento radical. In: Alice Casimiro Lopes; Daniel de Mendonça. (Org.). **A Teoria do Discurso de Ernesto Laclau: ensaios críticos e entrevistas**. São Paulo: Annablume, 2015, v. 1, p. 117-147.

LOPES, Alice. Teorias pós-críticas, políticas e currículo. In: **Educação Sociedades e Cultura**, n 39, 2013. Disponível em: <http://www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/02.AliceLopes.pdf>

PARAÍSO, Marlucy. Pesquisas pós-críticas em educação no Brasil: esboço de um mapa. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 122, p. 283-303, maio/ago. 2004.